

Um Conceito de Navio para o Comando da África



Brian J. Dunn

O Comando da África (AFRICOM) dos EUA apoia os interesses do país na África por meio do desdobramento de elementos do poder nacional, de forma contínua. Busca evitar que problemas cresçam até proporções de uma ameaça direta, ao intensificar a capacidade dos Estados e das organizações regionais e internacionais de promoverem segurança, estabilização e prosperidade. O AFRICOM precisa de plataformas navais econômicas e não tradicionais — *cruzadores auxiliares* — para projetar os meios do Exército dos EUA e de interações civis (suplementados por organizações não governamentais, quando apropriado) por todo o continente africano para engajamento em tempos de paz e para fornecer respostas às crises.

Em um artigo, de junho de 2015, da revista *Signal Magazine*, o Alte (Res) James Stavridis, da Marinha dos EUA, apresentou argumentos para um maior emprego das Bases Flutuantes de Concentração Avançadas da Marinha (*Afloat Forward Staging Bases* — *AFSB*), que, de acordo com ele, podem satisfazer a



necessidade de bases no alto mar para apoiar missões do AFRICOM. Ele recomenda opções comerciais para a criação de quantidades adicionais desse tipo de meio: “Tendo em conta os empregos para esse conceito, vale considerar qualquer versão comercial que pode ser comprada por até menos do que as AFSB das Forças Armadas. Embora tenham uma menor capacidade, a quantidade delas proveria muito mais flexibilidade ao distribuí-las entre os comandos combatentes regionais”¹.



(Imagem cortesia da Marinha dos EUA)

Fuzileiros da Marinha de Guerra da Angola se preparam para limpar prédios depois de desembarcar de um navio durante treinamento, em Lobito, Angola, 7 Out 15. Fuzileiros Navais dos EUA e Comandos dos Fuzileiros Navais Reais do Reino Unido treinaram os Fuzileiros da Marinha de Guerra como parte do Posto de Parceria Africana, que é uma iniciativa das Forças Navais dos EUA na África para aumentar a segurança marítima e a capacidade de segurança dos parceiros africanos por meio de colaboração e de cooperação regional.

Da mesma forma, cruzadores auxiliares modularizados, que são navios porta-contêineres civis utilizados pelo governo sob contrato que empregam principalmente tripulações militares e são equipados com uma variedade de sistemas de armas e de apoio encaixados em contêineres de transporte comerciais, podem funcionar como plataformas móveis para a

projeção e o apoio às missões militares do Exército e às iniciativas humanitárias e de desenvolvimento civis por toda a África. Em um ambiente de orçamentos limitados, quando a Marinha prioriza os meios da frota de combate para o Comando do Pacífico dos EUA (PACOM), que tem desafios navais mais sofisticados, e para o Comando Central dos EUA (CENTCOM), que

atualmente está executando campanhas militares, os cruzadores auxiliares modularizados são os meios de que o AFRICOM precisa.

Os Desafios do AFRICOM

Para lidar com uma ampla gama de missões por todo o grande e variado continente, o AFRICOM estabeleceu uma missão concisa: “O Comando da África dos Estados Unidos, junto com parceiros interagências e internacionais, constrói capacidades de defesa, responde às crises, dissuade e derrota ameaças transnacionais para avançar os interesses nacionais dos EUA e promover segurança, estabilidade e prosperidade regional”².

O estabelecimento do AFRICOM reflete a necessidade dos EUA de engajar a África de uma maneira contínua ao invés de uma forma reativa.

No relatório *National Security Watch* do Institute of Land Warfare, a analista Milady Ortiz descreve a situação de segurança que levou à criação do AFRICOM: “O ambiente pós-11 de Setembro e a priorização do contraterrorismo para a segurança nacional dos EUA, além dos assuntos de segurança tradicional no continente — crises humanitárias, conflitos étnicos e epidemias de saúde — têm elevado a visibilidade geopolítica da África”³.

Os fracos países africanos, com coesão interna deficiente, têm capacidade limitada para resistir efetivamente à agressão estrangeira, e são vulneráveis aos grupos terroristas que desestabilizam ainda mais o Estado, potencialmente criando refúgios para o planejamento de terrorismo no exterior⁴.

O terrorismo é apenas um aspecto da nova importância do continente africano para a segurança. Segundo Kofi Nsia-Pepira, em um artigo publicado pela *Military Review*, em 2014, “Contrário à insignificância estratégica da África para os Estados Unidos imediatamente após a era da Guerra Fria, [a África] obteve primazia pós-11 de Setembro devido ao terrorismo, fontes de energia e à crescente influência chinesa na África”⁵. Precisamos fortalecer os governos e as forças de segurança do continente para que possam resistir às organizações extremistas violentas que tentam se estabelecer em refúgios. Precisamos reduzir as condições



que possam fazer com que a África seja mais vulnerável a essas influências, e precisamos utilizar nossos recursos para aproveitar iniciativas regionais e de governos individuais para derrotar as ameaças à estabilidade e ao progresso.

A África irá, no prazo curto, ser um esforço de economia de meios, parcialmente porque os Estados Unidos estão dedicando um aumento de recursos militares à região Ásia-Pacífico. O surgimento do poder militar e econômico chinês — acoplado com as incertezas sobre como os líderes do país empregarão esse poder — fazem com que o Comando do Pacífico dos EUA (PACOM) seja um teatro de operações priorizado.

Para piorar, o Comando Central dos EUA (CENTCOM), cuja área de responsabilidade os formuladores de política acreditavam ter se acalmado o suficiente para permitir a reorientação para o PACOM, está apresentando muitas crises que atraem a nossa



(Imagem cortesia da OTAN)

Dois navios do 2º Grupo Marítimo Permanente da OTAN (SNMG2, na sigla em inglês), o navio capitânia, FGS *Hamburg* (da Alemanha), e o HDMS *Absalon* (da Dinamarca), chegam para uma visita ao porto de Haifa, Israel, 7 Dez 15.

atenção, às custas do AFRICOM. Vários desafios fazem com que o CENTCOM esgote continuamente os meios militares americanos. Esses desafios incluem a instabilidade no Egito, a ascensão do Estado Islâmico, os esforços iranianos para obter armas nucleares, as ameaças iranianas contra aliados norte-americanos no Oriente Médio, a insegurança no tráfego de produtos petrolíferos do Golfo Pérsico, a guerra civil no Iêmen e a instabilidade no Afeganistão.

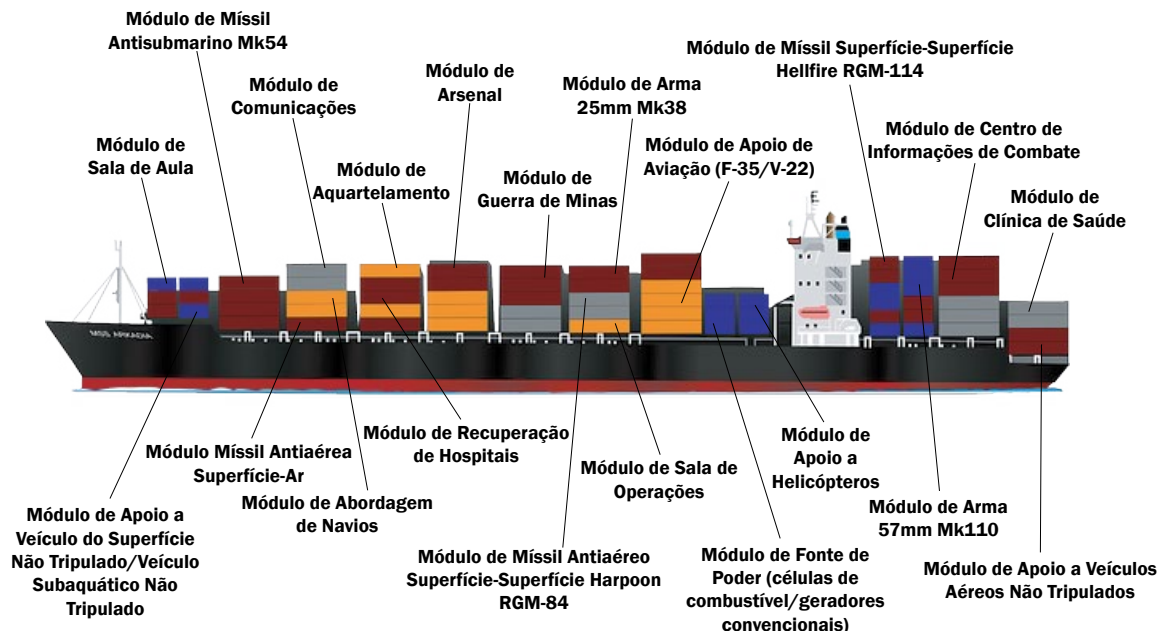
Por último, o Comando Europeu dos EUA (EUCOM), antigamente considerado um comando do “dividendo de paz” após a queda do Pacto de Varsóvia e da União Soviética, está completamente engajado na reconstrução das capacidades militares da OTAN, para se reconcentrar na novamente agressiva Rússia. Assim, com os gastos norte-americanos de defesa limitados sob

o impacto de cortes orçamentários, apesar da aumentada instabilidade e incerteza por todo o mundo, essas exigências significam que o AFRICOM lutará por recursos para lidar com os seus diversos desafios.

Complicando as missões do AFRICOM, o comando precisa projetar poder terrestre no interior do continente. Apenas em Djibuti, na região do Chifre da África, temos uma presença militar contínua, concentrada nas operações contraterroristas⁶. A falta de uma grande força terrestre dos EUA na África é compelida pela aversão local a uma grande presença militar americano “permanente” no continente⁷. Com o tempo, esse sentimento pode mudar, conforme as pessoas e os governos vejam que nossas atividades os ajudam, sem infringir suas autonomias. Até lá, nossa presença terrestre precisa necessariamente ser pequena e temporária, capaz de mudar, aumentar e diminuir, conforme a missão específica.

O resultado é que o AFRICOM carece de suficientes unidades de manobra terrestre desdobradas dentro da sua área de responsabilidade para realizar as suas missões. No início de 2015, quando o Exército declarou que tinha um batalhão de infantaria posicionado em Djibuti, essa unidade permaneceu longe da maioria do continente africano⁸. Mesmo a recém-estabelecida força de reação rápida africana do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), baseada em Morón, na Espanha, com meios aéreos MV-22 designados, a pedido do AFRICOM, tem um raio de ação restringido, limitado ao noroeste da África⁹.

Para desdobrar os fuzileiros navais da Espanha além do alcance das suas aeronaves ou para deslocar as unidades terrestres em Djibuti para uma distância significativa, o AFRICOM precisa de mais capacidades de transporte. Segundo um relatório por Sam LaGrone, “O CFN está, da mesma forma, buscando reforçar as unidades de desdobramento terrestre SPMAGTF [força-tarefa ar-terra dos fuzileiros navais com finalidades especiais, na sigla em inglês] em Morón e Sigonella, na Itália, com um componente marítimo que incluiria navios não tradicionais, dos quais os fuzileiros podem ser



(Figura por Arin Burgess, *Military Review*)

Figura 1 Exemplos dos Módulos de Missão em Contêineres

lançados para as regiões mais ao sul, inclusive o Golfo da Guiné¹⁰. LaGrone cita o Gen Div Kenneth Glueck, Comandante do Comando de Desenvolvimento de Combate do CFN: “Precisamos continuar a mitigar a falta de transporte anfíbio ao buscar outras formas de fazer o trabalho”¹¹.

Se os fuzileiros navais não podem contar com as embarcações da Marinha para atuar na África, quão baixa prioridade terão as unidades do Exército? A 101ª Divisão Aeroterrestre, com bastantes meios de helicópteros orgânicos na unidade, enfrentará restrições semelhantes se for desdobrada na África. Os Estados Unidos precisam de embarcações de baixo custo para uma ampla gama de missões em tempos de guerra e de paz, por todo o continente africano. Os cruzadores auxiliares modularizados podem mitigar a falta de transporte anfíbio para o desdobramento de poder terrestre por toda a área de responsabilidade do AFRICOM.

O Design de um Cruzador Auxiliar

Antigamente, os cruzadores auxiliares eram um tipo de belonave comum improvisada para marinhas que precisavam expandir os seus números rapidamente. Os navios civis com canhões aparafusados aos seus convéses, junto com outro equipamento, suplementavam as marinhas durante tempos de guerra.

Essas conversões simples não são viáveis atualmente devido aos sistemas de navio mais complexos.

A Marinha dos EUA tem traçado o caminho para conversões efetivas, contudo, com o Navio de Combate Litoral (LCS, na sigla em inglês), que abre possibilidades para cruzadores auxiliares modernos. O casco básico do LCS, apenas com limitadas capacidades de combate orgânicas, é projetado para incorporar o que a Marinha chama de “conjuntos de missão” removíveis construídos a partir de “módulos de missão”, que permitem que o navio seja especializado para a limpeza de minas durante um desdobramento e para missões antinavio durante o próximo, depois de trocar o conjunto de missão.

Para os fins do cruzador auxiliar modularizado proposto, modifiquemos o termo da Marinha para os blocos de construção (módulos de missão) para “módulos de missão em contêineres”, para enfatizar a sua portabilidade. Adoto, sem mudanças, o termo da Marinha “conjunto de missão” para significar uma coleção de módulos de missão em contêineres especializados em um tipo de missão.

Embora os custos do LCS tenham excedido as expectativas, levando a Marinha a reestruturar radicalmente a classe de navio, o conceito de modularidade ainda tem o potencial para a construção de cruzadores auxiliares modularizados do Exército. A Dinamarca teve mais sucesso, com talvez ambições mais restritas, quando construiu um navio de apoio flexível, de baixo custo, que foi projetado para utilizar intercambiáveis “cubos autônomos de 10 pés (3m) que contêm sistemas



(Imagem cortesia da Austal USA/Marinha dos EUA)

O USNS (U.S. Naval Ship) *Millinocket* é deslocado para fora do seu estaleiro em Mobile, no Alabama, 4 Jun 13. O navio foi transferido a uma doca seca flutuante, que foi rebocada para águas mais profundas da Baía de Mobile. Nesse ponto, a doca foi inundada e baixada, a embarcação conjunta de alta velocidade começou a flutuar e rebocadores levaram a embarcação incompleta de volta ao estaleiro para ajustes finais.

de combate completos”¹². O navio, HDMS *Absalon*, que atraiu o interesse da Marinha dos EUA, foi “planejado para empregar modularidade e escalabilidade para desempenhar uma ampla variedade de missões”, como combate naval, transporte, comando e controle e humanitária¹³. Os conceitos de modularidade e escalabilidade são essenciais.

A parte modular do cruzador auxiliar modularizado seria proporcionada ao construir os componentes dos sistemas em contêineres de transporte. Esses propostos módulos de missão em contêineres seriam fáceis de transportar por mar, estrada, ferrovia ou ar, e seriam em tamanhos padrão industrial utilizados atualmente e blindados para prover proteção para pessoal e equipamento¹⁴.

Os cargueiros empilham contêineres de transporte no convés para maximizar o espaço. Para a disposição do cruzador auxiliar modularizado, no entanto, não visualizo o empilhamento dos módulos de missão em contêineres, para permitir que no teto deles sejam instalados torres de canhão ou outras armas, antenas, sensores e equipamento.

Para missões que exigem capacidades de autodefesa mais fortes, o cruzador seria equipado com módulos

de missão em contêineres que incluem mísseis ofensivos e defensivos ou torres com pequenos canhões ou armas automáticas. Outros módulos projetados para os elementos terrestres do Exército, do CFN ou do Comando de Operações Especiais dos EUA apoiariam equipes de tamanho companhia adaptadas para a missão específica, quer seja de combate, de treinamento ou humanitária. Os módulos para apoiar os assuntos civis e as Forças Especiais, e também helicópteros ou veículos aéreos não tripulados, suplementariam os elementos de combate. Alguns módulos conteriam fontes de energia para outros módulos de missão em contêineres, enquanto outros alojariam os sistemas de comunicação para conectar um navio à rede de comando e controle do AFRICOM. A Figura 1 fornece exemplos hipotéticos dos módulos de missão em contêineres.

A parte de escalabilidade do cruzador auxiliar modularizado provém da plataforma. Os navios porta-contêineres mais e menos extensos podem ser escolhidos para conversão, dependendo do tamanho, complexidade e duração da missão prevista. Qualquer navio escolhido teria capacidade no convés para acomodar os módulos de missão em contêineres e espaço para pouso, decolagem e guarda de aeronaves de asa



(Figure by Arin Burgess, Military Review)

Figura 2. Exemplos dos Conjuntos de Missão do Cruzador Auxiliar Modularizado

rotativa ou de asa fixa ou, ainda, veículos aéreos não tripulados.

Ao usar um navio porta-contêineres de tamanho apropriado, o cruzador auxiliar modularizado seria convertido, utilizando vários módulos de missão em contêineres para construir os conjuntos de missão instalados no convés. Considerando que as missões para o cruzador iriam mudar e evoluir, os conjuntos seriam diferentes, de uma missão para outra. A Figura 2 fornece exemplos hipotéticos de conjuntos de missão do cruzador auxiliar modularizado. As forças alinhadas regionalmente do Exército seriam adestradas, empregando esses conjuntos de missão no cruzador ou em instalações de treinamento terrestres (ou talvez embarcadas em grandes barcas) organizadas para simular o posicionamento no convés do cruzador. As Forças Armadas teriam a flexibilidade para adestrar reservistas em instalações de treinamento terrestres antes do desdobramento no exterior.

A fonte dos navios que podem ser convertidos em cruzadores auxiliares modularizados é a frota de navios porta-contêineres, sendo que há aproximadamente 25.000 deles por todo o mundo¹⁵. Os 25 maiores operadores de navios porta-contêineres controlavam 3.200 desse tipo de cargueiro, em 2014¹⁶. A parte dos EUA desse número era pequena, porém, com apenas 69 em mãos particulares, em 2014¹⁷. Assim, o AFRICOM não pode limitar a reserva potencial aos cargueiros de bandeira americana.

O programa da Frota Aérea da Reserva Civil (CRAF, da sigla em inglês) do Departamento de Defesa representa um modelo para a formação de um estoque de navios porta-contêineres disponíveis para criar cruzadores auxiliares modularizados. Esse programa de aviação recompensa linhas aéreas civis norte-americanas ou outras entidades pela inscrição de aeronaves que satisfazem os requisitos de desempenho como uma fonte reserva da capacidade de transporte aéreo. Já em junho de 2014, a Força Aérea tinha 553 aeronaves de 24 linhas aéreas contratadas pela CRAF¹⁸. O Exército pode criar uma Frota de Cruzadores da Reserva Civil ao pagar as companhias de transporte marítimo pela modificação de certos navios porta-contêineres para acomodar os conjuntos de missão e pelo aviso ao AFRICOM sobre a sua localização e disponibilidade, em todos os tempos. Com uma reserva suficientemente grande de navios porta-contêineres, alguns deles estariam livre de frete em algum dado momento. Em situações de emergência, poderia haver um pagamento maior do governo para recompensar a companhia de transporte marítimo e os donos do frete pela inconveniência.

A China já busca fazer com que navios civis sejam aceitáveis para o emprego militar. Em junho de 2015, o jornal estatal *China Daily* revelou que, para facilitar a mobilização de navios civis, a China determinou que os seus construtores navais façam com que eles sejam mais acessíveis para o aproveitamento militar:

Os regulamentos exigem cinco categorias de embarcações, inclusive que navios porta-contêineres sejam modificados para “servir às necessidades da defesa nacional.” ... A regulamentação “capacitará a China a converter o grande potencial da sua frota civil em força militar”¹⁹.

A China pode simplesmente determinar que as companhias de transporte marítimo particulares forneçam uma força naval reserva, claro. De qualquer forma, a experiência da Força Aérea com a CRAF mostra que uma democracia pode cumprir o mesmo objetivo, utilizando-se de meios cooperativos. Ao contratar grandes companhias de transporte marítimo para modificar partes das suas frotas, o Exército teria uma reserva respeitável de navios que navegam dentro ou perto da área de responsabilidade do AFRICOM. Esses navios podem ser avisados, conforme necessário, para mover-se a portos amigos, onde conjuntos de missão e tripulações — compostas de marinheiros do Exército, da Marinha e da Guarda Costeira, e contratados se for necessário — que foram transportados lá por navio ou aeronave, podem ser instalados e acomodados nos seus conveses.

Os Cruzadores Auxiliares Modularizados do AFRICOM

Os cruzadores auxiliares modularizados operariam tipicamente sozinhos, mas podem atuar enquadados por uma força-tarefa aliada ou pela Marinha para missões que ocorrem em um ambiente de ameaças elevadas.



(Foto cortesia do Comando Militar de Transporte Marítimo, da Marinha dos EUA)

USNS *Spearhead* durante uma prova de mar, 19 Abr 12.

USNS *Spearhead*

Em dezembro de 2012, a Marinha dos EUA colocou em serviço a sua primeira Embarcação Conjunta de Alta Velocidade (JHSV, na sigla em inglês): o USNS *Spearhead*. Em 2014, o *Spearhead*, que recebeu o seu nome pelo Exército, “conduziu o seu desdobramento operacional inaugural para a Europa e para a África e [apoiou] o Comando Sul”, segundo o Comando Militar de Transporte Marítimo, da Marinha dos EUA. Planejada para o transporte rápido de tropas e equipamento militar dentro do teatro de operações, “a JHSV revela ter uma gama mais ampla de aplicações, como apoio logístico, combate ao tráfico e operações médicas em apoio às plataformas maiores, como navios de assalto anfíbio”, segundo um relatório por Kris Osborn, em junho de 2015.

Agora, com o novo nome de Transporte Expedicionário Rápido (*Expeditionary Fast Transport — EPF*), o catamarã alumínio de 338 pés (103m) é projetado para ser rápido, flexível e manobrável, até em águas rasas ou em portos simples. Segundo Osborn, “embora não seja esperado que a JHSV desempenhe missões de combate, pode ser usada para reabastecer rapidamente as forças de operações especiais, em alguns casos”. Em março de 2015, o *Spearhead* apoiou “um exercício multinacional de grande escala no litoral da África ... chamado *Obangame Express 2015*”. Com base no desempenho da plataforma durante *Obangame Express* e em outros exercícios por todo o mundo, “a Marinha está considerando empregar a JHSC mais frequentemente com uma nova embarcação chamada de Plataforma de Desembarque Móvel (*Mobile Landing Platform — ou MLP*). Usando um navio-tanque como uma plataforma de base, a MLP pode lançar e receber aerobarco e é projetada para uma ampla gama de operações navio-praia”. As embarcações são operadas por tripulações civis.

Já em março de 2016, o inventário de navios da Marinha incluiu seis EPF, com mais cinco planejados. Originalmente, cinco navios foram designados ao Exército, mas as duas Forças Singulares concordaram em transferir todos para a Marinha.

Fontes:

U.S. Navy Military Sealift Command (MSC), “MSC 2014 in Review,” website do MSC, September 2014, acesso em 17 mar. 2016, <http://www.msc.navy.mil/annualreport/2014/pm5.htm>; Jessica F. Alexander, “USNS *Spearhead*: Fast, Flexible, First in Class,” website do MSC, acesso em 17 mar. 2016, <http://www.msc.navy.mil/sealift/2013/March/spearhead.htm>.

Kris Osborn, “Navy Sees Broader Role for Joint High-Speed Vessel,” DOD Buzz online defense and acquisition journal, 29 Jun. 2015, acesso em 17 March 2016, <http://www.dodbuzz.com/2015/06/29/navy-sees-broader-role-for-joint-high-speed-vessel/>.

U.S. Navy Fact File, “Expeditionary Fast Transport (EPF),” www.navy.mil, 16 Jan. 2016, acesso em 17 mar. 2016, http://www.navy.mil/navydata/fact_display.asp?cid=4200&tid=1100&ct=4.

Considerando que as forças de segurança africanas consistem principalmente em exércitos e forças policiais, as forças terrestres norte-americanas precisam assumir a liderança em missões que as apoiam. Ao apoiar missões no interior realizadas por forças terrestres e meios civis para realizar as tarefas principais do AFRICOM, o cruzador auxiliar modularizado seria um meio de projeção de poder, ao invés de um meio empregado somente para missões navais.

Algumas missões baseadas mais em terra podem ser realizadas por forças americanas que permaneceriam em um cruzador auxiliar modularizado quando a opinião local, ou os níveis de ameaça, tornasse o desembarque impossível, até mesmo uma presença terrestre temporária. Neste caso, a embarcação iria entrar no porto ou ficar no alto mar. As missões mais longas podem ser conduzidas por pessoal e conjuntos de missão depositados na terra por meses — na costa ou no interior — por meio de transporte aéreo ou terrestre fornecido por terceirizados. O desembarque de elementos em terra permitiria que o cruzador auxiliar modularizado pudesse se mover para outras localizações e outras missões. Os conjuntos de missão de forças terrestres empregados por pequenos destacamentos do Exército, do CFN ou de tropas do Comando de Operações Especiais podem prover uma opção de força terrestre na área para apoiar a segurança local em uma missão não militar, ou como uma força de reação rápida para as forças alinhadas regionalmente do Exército.

Às vezes, os Estados Unidos precisam de ajuda para lidar com uma crise no exterior, sem o uso de suas forças militares. Quando apropriado, os Estados Unidos podem apoiar os aliados ao prover módulos de missão em contêineres.

Por todo o continente africano, seria uma vantagem usar os cruzadores auxiliares modularizados para as seguintes tarefas-chave reconhecidas pelo AFRICOM:

- ◆ Enfrentar organizações extremistas violentas e as suas redes,
- ◆ Apoiar a construção das instituições da defesa,
- ◆ Fortalecer a segurança marítima,
- ◆ Apoiar operações de apoio à paz,
- ◆ Apoiar operações humanitárias e resposta aos desastres; e
- ◆ Agir contra o tráfico ilícito [de terroristas, pessoas, narcóticas e armas]²⁰.

Enfrentar organizações extremistas violentas.

Muitos leitores estão familiarizados com exemplos de grupos insurgentes que ameaçam os interesses dos EUA e dos seus parceiros na África. Por exemplo, as insurgências na Líbia, Somália, Mali e Nigéria já mostraram que governos fracos ou em via de fracassar com uma capacidade militar inadequada podem facilitar o surgimento de organizações jihadistas. Um grupo insurgente menos conhecido é o Exército de Resistência do Senhor. Esse grupo “sequestrou pelo menos 66.000 crianças e jovens ugandenses entre 1986 e 2005” e desalojou quase dois milhões de pessoas no norte da Uganda, induzindo o Departamento de Estado a chamá-lo “um dos grupos armados mais antigos, mais violentos e persistentes da África”²¹. O Exército de Resistência do Senhor se originou na Uganda, em 1986, e atuava lá até que foi empurrado para o oeste até a República Democrática do Congo e a República Centro-Africana (e, com o tempo, a República do Sudão do Sul), onde, já em 2011, mais de 465.000 pessoas foram desalojadas ou estão morando como refugiados²². Os horrores do genocídio na Ruanda, há duas décadas, bem como as matanças em andamento na região de Darfur, do Sudão, são advertências que ódios étnicos são uma ameaça potencial contra a estabilidade.

Os cruzadores auxiliares modularizados com conjuntos de missão de combate e de apoio podem realizar uma gama de missões de contraterrorismo diretas contra grupos como o Exército de Resistência do Senhor, como ataques aéreos (com e sem tripulação), ação direta por forças especiais e assessoria para as forças locais. Além disso, podem prover funções essenciais de combate e de apoio para capacitar os aliados a realizarem tais missões. Se as informações indicassem ameaças contra os interesses ou instalações dos EUA, o AFRICOM poderia desdobrar, de Djibuti e da Espanha, forças terrestres do Exército ou do CFN (ou equipes de segurança do Departamento de Estado), junto com elementos aéreos embarcados em um cruzador auxiliar modularizados, para estarem em uma posição para prevenir ou reagir contra um ataque terrorista.

Apoiar a construção das instituições da defesa.

Ajudar os participantes locais, nacionais e regionais a treinar as forças de defesa que fortalecem a estabilidade, em vez de miná-la, é essencial para evitar que problemas na África explodam em grandes crises. As



(Cb David M. Shefchuk, Exército dos EUA)

As forças de operações especiais senegalesas conduzem um desembarque na praia durante o exercício *Flintlock 2016*, em Saint Louis, Senegal, 12 Fev 16. As operações ribeirinhas, como essa, são importantes na 2ª Zona Militar em Saint Louis porque a região possui 700km de litoral. O exercício culminou em uma semana de treinamento com forças de operações especiais da Holanda e dos EUA. O *Flintlock 2016* foi planejado para melhorar a interoperabilidade entre todas as nações participantes.

missões de assistência às forças de segurança podem utilizar conjuntos de missão de forças terrestres, com outros módulos de missão em contêineres de apoio, como necessário. Os módulos de sala de aula seriam úteis para o treinamento de forças militares e policiais dos amigos, especialmente quando uma nação anfitriã possuir poucos recursos. Na Somália, por exemplo, os esforços de treinamento internacional, às vezes, começaram a construir as forças locais a partir de uma estrutura militar local extremamente reduzida e deficientemente treinada. Alguns países faltam capacidades não apenas em táticas e planejamento militares, mas também em manter o controle civil das forças armadas e no combate à corrupção e às influências tribais ou sectárias que enfraquecem as instituições da defesa.

O desenvolvimento de forças de reação militar africanas básicas, como a Força de Prontidão Africana multinacional, que é baseada regionalmente e estabelecida sob os auspícios da União Africana para prover uma força para responder aos desastres ou crises africanos, é também uma missão que os cruzadores auxiliares modularizados podem apoiar.

As forças militares norte-americanas e africanas, e outras forças amigas com interesses na África, podem fortalecer a interoperabilidade, empregando conjuntos de missão relacionados ao treinamento desdobrados na terra ou em um cruzador auxiliar modularizado, para uma ampla gama de missões educacionais militares e não militares. Isso aumentaria o conhecimento dos EUA do terreno físico e humano do continente e facilitaria intervenções mais eficientes se as forças locais solicitassem assistência durante uma crise.

Fortalecer a segurança marítima.

As forças podem usar conjuntos de missão de guerra naval junto com conjuntos de missão relacionados com o Exército, o CFN e a Guarda Costeira para encontrar, rastrear e atacar ou capturar navios piratas ou resgatar suas vítimas²³. Os desdobramentos no Golfo da Guiné ou em apoio ao USCENTCOM, na costa da Somália, podem sustentar essas missões. No caso de missões terrestres para destruir bases de piratas serem necessárias, as unidades de manobras ou de operações especiais do Exército ou do CFN podem ser desembarcados em portos amigos para iniciar as operações do local ou operar diretamente do cruzador auxiliar modularizado, empregando meios aéreos.

Além da sua utilidade para a projeção de poder terrestre do Exército, a Marinha pode lidar com a sua incapacidade de dedicar embarcações escassas ao AFRICOM por meio do desdobramento de cruzadores auxiliares modularizados para certas missões. Esses cruzadores seriam um multiplicador de força das capacidades centrais da Marinha²⁴.

Apoiar as operações de apoio à paz. Os cruzadores auxiliares modularizados podem preencher as lacunas

de capacidades de combate e de logística das forças aliadas ou de coalizão, possibilitando assistência internacional para as operações da paz e promovendo a interoperabilidade. As forças dos EUA podem treinar os parceiros aliados e de coalizão para usar esses conjuntos de missão. Os planejadores podem explorar a facilidade de transportar os módulos de missão em contêineres para levar os conjuntos de missão ao exterior para treinamento em outros países ou trazer as forças de parceiros locais temporários na África ou até mesmo nos Estados Unidos, para instrução.

Exemplos de países africanos, onde o apoio do AFRICOM pode ser essencial, incluem a República Democrática do Congo, onde os mantenedores da paz têm se esforçado para conter a instabilidade e a violência²⁵. Outro é o Zimbábue, que prejudicaria os recursos dos vizinhos se mergulhasse no caos da instabilidade econômica e política²⁶. Em Burundi, estudantes manifestantes fugindo de operações policiais, em junho de 2015, entraram no complexo da embaixada dos EUA, uma situação que teria criado uma ameaça se terroristas tivessem entrado com eles²⁷. A República Centro-Africana, Sudão e Sudão do Sul também enfrentam desafios em conseguir a estabilidade.

Apoiar operações humanitárias e a resposta aos desastres. O apoio médico com um cruzador auxiliar modularizado equipado com conjuntos de missão apropriados aumentaria a boa vontade de pessoas ao visitar uma região. O cruzador poderia entregar conjuntos de missão e pessoal para estabelecer clínicas temporárias ou projetos de desenvolvimento civil em muitos locais terrestres. Os conjuntos podem apoiar os esforços interagências para construir instalações locais e treinar pessoal da nação anfitriã, que pode reduzir a necessidade para apoio no futuro.

A resposta a desastres para terremotos, enchentes, furacões e ciclones, ou migração de refugiados, pode ser melhorada com conjuntos de médicos e de força terrestre para os esforços de socorro e de segurança local. Esses podem ser enviados por avião diretamente a aeroportos perto da área de desastre para as operações baseadas em terra, e ser sustentados por um cruzador auxiliar modularizado, quando presente na área operacional.



(Sgt Brian Kimball da Força Aérea dos EUA, Exército dos EUA na África)

O Cb Shawn Jouth, um policial do 93º Batalhão de Polícia do Exército, explica um procedimento de movimento tático para integrantes da Força de Defesa da Zâmbia, durante o exercício *Southern Accord 2015*, em Lusaka, Zâmbia, 10 Ago 15. O exercício anual proporciona às Forças Armadas dos EUA, aos aliados das Nações Unidas e à Força de Defesa da Zâmbia uma oportunidade de adestramento como uma força conjunta e combinada de manutenção da paz.

A crise do ébola, de 2014, na África ocidental, demonstrou como as tropas dos EUA podem ser arrastadas para uma crise não militar²⁸. Com qualquer tipo de crise de enfermidade, um cruzador auxiliar modularizado pode prover tratamento médico direto, assistência à construção, treinamento e até a verificação de viajantes saindo de uma região infectada, para conter a difusão da doença.

Agir contra o tráfico ilícito de terroristas, pessoas, narcóticos e armas. O tráfico de pessoas (sejam refugiados, vítimas, criminosos ou terroristas), drogas e armas desestabilizam os Estados africanos envolvidos e faz o mesmo ou ameaça outros nos arredores, ou até fora do continente. As aeronaves tripuladas e os veículos aéreos não tripulados podem ser projetados e desdobrados na terra por meio do emprego de cruzadores auxiliares modularizados, para encontrar e rastrear

esses fluxos potencialmente desestabilizadores pelos países africanos. Os cruzadores podem desembarcar forças terrestres para apoiar a segurança local ou missões militares limitadas.

Ao empregar cruzadores auxiliares modularizados com módulos de helicóptero e de abordagem, o AFRICOM pode trabalhar com outros comandos para ajudar a monitorar e interditar os fluxos de narcóticos para a África, provenientes da América do Sul e do sul da Ásia²⁹. Pode trabalhar, ainda, com o EUCOM no Mar Mediterrâneo ou com o CENTCOM no Mar Vermelho e no alto mar perto do Chifre da África, onde remessas marítimas de armas iranianas foram despachadas para apoiar as facções rebeldes no Iêmen e o Hamas, na Faixa de Gaza³⁰.

Uma Missão de Economia de Forças Bem-Sucedida

Com um litoral extenso, e muitas partes do continente perto de águas internacionais, porém longe de bases norte-americanas ou aliadas estabelecidas para projetar o poder terrestre, as plataformas baseadas no mar são essenciais para que o AFRICOM tenha êxito em suas missões. Infelizmente, a Marinha não pode, rotineiramente, fornecer os meios navais necessários. Em um artigo de junho de 2013, Megan Eckstein descreve os esforços recentes do Corpo de Fuzileiros Navais para

aumentar a frota de navios anfíbios, empregando “plataformas não tradicionais” e embarcações de marinhas estrangeiras³¹. O CFN reconhece que até com os MV-22, as suas unidades baseadas na Espanha têm um raio de ação relativamente curto na África, sem a capacidade de desdobrar por meio do mar.

Como o *African Queen*, o pequeno navio a vapor fictício de Humphrey Bogart no filme *Uma Aventura na África*, de 1951, que foi modificado para realizar uma missão militar na África Oriental durante a Primeira Guerra Mundial, as plataformas baseadas no mar que desdobram poder de combate não precisam ser embarcações custosas. O Comandante do Comando do Sul dos EUA, o Gen Ex do CFN John F. Kelly, declarou que as necessidades navais para a interdição de drogas na sua área de responsabilidade podem ser proporcionadas por meios simples: “Então como eu disse, eu não preciso de uma belonave. Preciso de um navio, algo que flutue, com um helicóptero”³². Um cruzador auxiliar modularizado pode prover isso, e muito mais. O *African Queen* do Século XXI não precisa ser reluzente ou elegante para realizar as variadas missões que o AFRICOM precisa conduzir. Os cruzadores auxiliares modularizados podem prover as plataformas para lidar com as tiranias de distância e de orçamentos que desafiam a nossa capacidade de moldar o ambiente de segurança na África. ■

Brian J. Dunn é bacharel em Ciências Políticas e História pela University of Michigan e mestre em História pela Eastern Michigan University. Aposentou-se do seu trabalho como analista de pesquisa apartidário para a Legislatura do Estado de Michigan, e serviu na Guarda Nacional do Exército do Estado de Michigan por seis anos. Publicou nas revistas Army, Joint Force Quarterly, Military Review e em outras publicações, e escreve sobre a defesa e assuntos de segurança nacional para seu jornal on-line, The Dignified Rant.

Referências

1. James Stavridis, “Incoming: Floating Bases Are an Old Idea Whose Time May Have Come Again,” revista on-line Signal (AFCEA [Armed Forces Communications and Electronics Association] International), 1 Jun. 2015, acesso em 1 mar. 2016, <http://www.afcea.org/content/?q=Article-incoming-floating-bases-are-old-idea-whose-time-may-have-come-again>.
2. United States Africa Command (USAFRICOM), “AFRICOM Command Brief,” (apresentação de slides, 22 out. 2014), p. 5, acesso 1 mar. 2016, <http://www.africom.mil/newsroom/document/23774/africom-command-brief-2014>.
3. Milady Ortiz, *U.S. Africa Command: A New Way of Thinking*, National Security Watch report no. 08-1 (Arlington, VA: Association of the United States Army, Institute of Land Warfare, 13 Mar. 2008), p. 1.
4. Isaac Kfir, “The Challenge That Is USAFRICOM,” *Joint Force Quarterly* 49 (October 2008): p. 111.
5. Kofi Nsia-Peptra, “Militarization of U.S. Foreign Policy in Africa: Strategic Gain or Backlash?” *Military Review* (January-February 2014): p. 51, acesso em 1 mar. 2016, <http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/English/>

[MilitaryReview_20140228_art010.pdf](#).

6. USAFRICOM, *United States Africa Command 2015 Posture Statement*, apresentado ao 114º Congresso, 1ª sessão (Washington, DC: Department of the Army, March 2015), acesso em 1 mar. 2016, <http://www.africom.mil/newsroom/document/25285/usafricom-posture-statement-2015>.

7. Ortiz, p. 5-6, 8.

8. John M. McHugh e Raymond T. Odierno, *A Statement on the Posture of the United States Army 2015*, apresentado ao 114º Congresso, 1ª sessão (Washington, DC: Department of the Army, March 2015), p. 3, acesso em 1 mar. 2016, <http://www.army.mil/aps>.

9. Sam LaGrone, "Spain and U.S. Sign Permanent Basing Agreement for up to 3,500 U.S. Marines," website do USNI [United States Naval Institute] News, 18 Jun. 2015, acesso em 1 mar. 2016, <http://tinyurl.com/guary45>.

10. Ibid.

11. Ibid.

12. Shawn P. Eklund, "SECNAV [Secretary of the Navy] Tours State of the Art Shipyard," website da U.S. Navy, 23 Feb. 2007, acesso em 1 dez. 2015, http://www.navy.mil/submit/display.asp?story_id=27971.

13. Ibid.

14. "Container Specifications," website da Evergreen Marine Corporation, acesso em 3 mar. 2016, http://www.evergreen-marine.com/tei1/jsp/TEI1_Containers.jsp. Os contêineres de transporte de padrão industrial vêm em uma variedade de tamanhos. Um pequeno contêiner de uso geral é 20' (pés) de comprimento por 8' de largura por 8.5' de altura (6.10m X 2.44m X 2.59m). Alguns são 40' de comprimento por 8' de largura e 8.5' ou 9.5' de altura (12.19m X 2.44m X 2.59m ou 2.90m), sendo que o último é chamado um "hicube". Até existem contêineres frigoríficos, de tanque de combustível e de geradores/fonte de poder.

15. Alphaliner, "Cellular Fleet at 1st July 2013," in *Container Vessel Fleet*, website do World Shipping Council, acesso em 1 mar. 2016, <http://www.worldshipping.org/about-the-industry/liner-ships/container-vessel-fleet>.

16. United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), *Review of Maritime Transport, 2014*, annual report (New York: United Nations, 2014), table 2.4.

17. United States Maritime Administration, "United States Flag Privately-Owned Merchant Fleet, 2000-2014," website da United States Maritime Administration, 7 Jan. 2014, acesso em 1 mar. 2016, http://www.marad.dot.gov/wp-content/uploads/xls/US-Fleet_Summary_Table_2000-2014.xls.

18. U.S. Air Force Air Mobility Command, "Civil Reserve Air Fleet," U.S. Air Force online fact sheet, 2015, acesso em 1 mar. 2016, http://www.amc.af.mil/library/factsheets/factsheet_print.asp?fsID=234&page=1.

19. Agence France-Presse, "Report: China Orders Civilian Ships Adapted For Military Use," website da Defense News, 18 Jun. 2015, acesso em 3 dez. 2015, <http://www.defensenews.com/story/defense/international/asia-pacific/2015/06/18/report-china-orders-civilian-ships-adapted-military-use/28952269>.

20. USAFRICOM, "AFRICOM Command Brief 2014," p. 6.

21. Department of State, Office of the Spokesperson, "The

Lord's Resistance Army: Fact Sheet," website do Department of State, 23 Mar. 2012, acesso em 29 fev. 2016, <http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2012/03/186734.htm>.

22. Ibid.

23. Esses conjuntos de missão são planejados para serem descritivos por natureza, refletindo capacidades de movimento de tropas navio-praia e navio-navio, respectivamente. Assim, quaisquer pessoas podem usar esses conjuntos — não apenas fuzileiros navais ou marinheiros da Guarda Costeira.

24. Para uma descrição mais detalhada das missões essenciais da Marinha, consulte o blog Dignified Rant; "Forward ... to a Thousand-Ship American Navy," uma entrada do blog por Brian J. Dunn, 18 Dec. 2009, acesso em 1 mar. 2016, <http://thedignifiedrant.blogspot.com/2009/12/forward-to-thousand-ship-american-navy.html>.

25. United Nations, "MONUSCO: United Nations Organization Stabilization Mission in the Democratic Republic of the Congo," website das Nações Unidas, acesso em 1 mar. 2016, <http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/monusco/background.shtml>.

26. International Crisis Group, *Zimbabwe: Waiting for the Future* (Johannesburg/Brussels: International Crisis Group, Africa briefing no. 103, 29 Sep. 2014), acesso em 1 mar. 2016, <http://www.crisisgroup.org/~media/Files/africa/southern-africa/zimbabwe/b103-zimbabwe-waiting-for-the-future.pdf>.

27. Marc Santora e Paulo Nunes Dos Santos, "Burundi Students Enter U.S. Embassy as Political Tensions Escalate," website da New York Times, 25 Jun. 2015, <http://www.nytimes.com/2015/06/26/world/africa/vice-president-burundi.html>.

28. Jim Garamone, "DoD May Deploy up to 4,000 Troops to Combat Ebola," website da Department of Defense News, 3 Oct. 2014, acesso em 1 mar. 2016, <http://www.defense.gov/News-Article-View/Article/603381>.

29. USAFRICOM, "AFRICOM Command Brief 2014," p. 9.

30. Voice of America, "Yemen And Iranian Supplied Weapons," editorial no website da Voz da América, 19 Feb. 2013, acesso em 1 mar. 2016, <http://editorials.voa.gov/content/iran-yemen-proliferation/1606405.html>; Office of the Press Secretary, "Press Briefing by Press Secretary Josh Earnest, 4/21/2015," website da Casa Branca, 21 Apr. 2015, acesso em 1 mar. 2016, <https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2015/04/21/press-briefing-pres-s-secretary-josh-earnest-4212015>; Department of State Bureau of Counterterrorism, "State Sponsors of Terrorism Overview," in *Country Reports on Terrorism 2014*, website do Departamento de Estado, acesso em 1 mar. 2016, <http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2014/239410.htm>.

31. Megan Eckstein, "Marines Testing Operating from Foreign Ships, Near-Forgotten Platforms to Bring Units Back to Sea," website da USNI News, 23 Jun. 2015, acesso em: 1 mar. 2016, <http://news.usni.org/2015/06/23/marines-testing-operating-from-foreign-ships-near-forgotten-platforms-to-bring-units-back-to-sea>.

32. Claudette Roulo, "More Ships Equal More Drugs Seized, SOUTHCOM Commander Says," website do Comando Sul dos EUA, 13 Mar. 2014, acesso em 1 mar. 2016, <http://www.southcom.mil/newsroom/Pages/More-Ships-Equal-More-Drugs-Seized,-SOUTHCOM-Commander-Says.aspx>.